

RESENHA DA OBRA “ESCREVER É PRECISO: O Princípio da Pesquisa”, de Mario Osorio Marques

Vânia Lisa Fischer Cossetin¹
Maria Regina Johann²

RESUMO

A resenha apresenta a obra *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*, de autoria do pensador Mario Osorio Marques, escrita em forma de carta aberta endereçada ao leitor. O objetivo da obra é estabelecer um diálogo com o leitor, apresentando três das motivações do autor para a escritura do referido livro, bem como, de toda e qualquer escritura. A primeira delas refere-se à dimensão do escrever, em que sempre está suposto um possível leitor, o que atribuiria sentido a tal projeto. A segunda motivação diz respeito a um dos maiores desafios do escrever, que é começar, não havendo exatamente algo como que uma preparação para tal tarefa. A terceira relaciona-se ao fato de que não se pode confundir o escrever com a escrita, uma vez que o reescrever sempre será necessário e o ler sempre conduzirá a outras leituras possíveis. Neste contexto, ganha importância a hipótese de que o escrever é o princípio da pesquisa.

Palavras-chave: Pesquisa; Escrita; Mario Osorio Marques.

REVIEW OF THE WORK “WRITING IS NEEDED: THE PRINCIPLE OF RESEARCH”, BY MARIO OSORIO MARQUES

ABSTRACT

The review presents the work *Writing is necessary: the principle of research*, written by the thinker Mario Osorio Marques, written in the form of an open letter addressed to the reader. The objective of the writing is to establish a dialogue with the reader, presenting three of the author's motivations for writing the aforementioned book, as well as any and all writings. The first of these refers to the dimension of writing according to which a possible reader is always assumed, which would give meaning to such a project. The second concerns one of the biggest challenges of writing, which is getting started, with there not being exactly anything like preparation for such a task. The third is that writing cannot be confused with writing, since rewriting will always be necessary and reading will always lead to other possible readings. In this context, the hypothesis that writing is the principle of research gains importance.

Keywords: Search; Writing; Mario Osorio Marques.

RESEÑA DE LA OBRA “ES NECESARIO ESCRIBIR: EL PRINCIPIO DE INVESTIGACIÓN”, DE MARIO OSORIO MARQUES

RESUMEN

La reseña presenta la obra *Escribir es necesaria: el principio de la investigación*, escrita por el pensador Mario Osorio Marques, redactada en forma de carta abierta dirigida al lector. El objetivo del escrito es establecer un diálogo con el lector, presentando tres de las motivaciones del autor para escribir el libro antes mencionado, así como todos y cada uno de los escritos. El primero de ellos se refiere a la dimensión de la escritura según la cual siempre se supone un lector posible, que daría sentido a tal proyecto. El segundo tiene ver con uno de los mayores desafíos de la escritura, que es comenzar, sin que exista exactamente nada parecido a una preparación para tal tarea. La tercera es que no se puede confundir escritura con escritura, ya que la reescritura siempre será necesaria y la lectura siempre conducirá a otras lecturas posibles. En este contexto, cobra importancia la hipótesis de que la escritura es el principio de la investigación.

Palabras-claves: Investigación; Escritura; Mario Osorio Marques.

Submetido em: 17/12/2024

Aceito em: 12/5/2025

Publicado em: 30/7/2025

¹ Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ. Ijuí/RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-8722-9235>

² Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ. Ijuí/RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-2788-5967>

INTRODUÇÃO

A presente resenha objetiva dar destaque às nuances que compõem a experiência de escrita segundo a obra *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*, de autoria do filósofo e teólogo Mario Osorio Marques (1998), concebida em forma de carta aberta e endereçada ao leitor. O intuito da referida obra é estabelecer um diálogo com o leitor a partir de três motivações que teriam mobilizado o próprio autor em sua consecução e que poderia ser atribuído a qualquer outra. A primeira delas refere-se à dimensão do escrever, na qual sempre estaria suposto um possível leitor, o que atribuiria sentido ao projeto de escrita. A segunda diz respeito a um dos maiores desafios do escrever, que seria simplesmente começar, não havendo exatamente algo como que uma preparação para isso. A terceira motivação pressupõe que não se poderia confundir o escrever com a escrita, uma vez que o reescrever seria algo necessário e o ler conduziria a outras leituras possíveis. Neste contexto, ganha importância a hipótese de que o ato de escrever é o princípio da pesquisa.

A QUESTÃO É COMEÇAR

O escrever é uma conversa estabelecida com interlocutores virtuais e, ao mesmo tempo, presentes, cujo início se dá pelo título enquanto indicativo do tema. Uma vez definido, o título resume o problema e se coloca como uma hipótese sobre a qual o texto irá tratar. É preciso que o tema, o problema e a hipótese estejam presentes o tempo inteiro. Ademais, deve-se ter clareza sobre o lugar social do pesquisador que escreve, o que exige rigor e leitura crítica do seu escrever, pelo fato de que o interlocutor não está imediatamente presente – amigos, colegas ou autores das obras lidas e consultadas. Esse é o momento no qual os novos saberes são elaborados a partir de saberes anteriores, quando se experimenta e testemunha o que se busca entender. Ademais, é preciso ser leitor atento do próprio escrito, encontrando sentidos inicialmente não identificados. Por fim, é destacada a necessidade de se ter um dicionário em mãos, a fim de ampliar o vocabulário e de selecionar uma boa bibliografia.

NAVEGAR É PRECISO: A MÁGICA AVENTURA DO ESCREVER

Não há caminhos predefinidos a trilhar, mas a construir; por isso, todo início é precário e impreciso. Nesta direção, convém considerar que o escrever diverge da fala, cuja linearidade é rompida, permitindo fragmentá-la, pontuá-la, analisá-la. Pela consideração do caráter histórico do escrever, outro elemento é destacado: todo escrever é um reescrever. Ao fazer isso, caminhos são refeitos, razão pela qual pode-se dizer que o escrever constitui-se historicamente e, ao mesmo tempo, produz o rompimento com a própria história que o constitui. Assim, pensar e escrever encontram-se articulados, de tal modo que não se pensa para escrever, mas se escreve para pensar.

Mesmo na pesquisa mais séria, é impossível que os estados da alma de cada pesquisador não se revelem, assim como o seu estilo e criatividade, posto que é sobre o lastro da imaginação, enraizado na estrutura simbólica do mundo, que se encontra o

reservatório das experiências de vida daquele que escreve. Não se encontra, portanto, reduzida a uma ciência estéril, mas que valoriza a poesia, a metáfora, a arte. As pesquisas não dispensam as teorias, mas também não podem se constituir simplesmente em algo a ser confirmado ou negado. Elas permitem o advento de novos horizontes para o exercício da imaginação, em direção à elaboração de outras hipóteses e caminhos, nunca descuidando das condições de legibilidade de uma escrita, as quais pressupõem domínio da língua em que se escreve. Isso porque o texto escrito se coloca entre o escritor e o leitor, no limite, se independiza do autor a ponto de as leis que o regem passarem a ser as do leitor.

A OBRA DO ESCREVER NO PÉRIPO DE SEU ENCONTRO COM O LEITOR

A história particular de um texto se articula com a história geral da escrita, com as diversas técnicas de representação simbólica desenvolvidas em cada momento histórico e com os interesses que estão em jogo. Nesse sentido, convém reconhecer a história da escrita e que os sistemas que a constituem não se ofereceram apenas como instrumentos, mas condicionaram o próprio modo de escrever e sua recepção por parte dos leitores. Implica considerar que todo ato de escrever já conta com a presença do leitor, sendo o próprio escritor seu primeiro leitor e conhecedor.

Nesta leitura, portanto, está implicado o sujeito que escreve e, igualmente, os sujeitos que, ao lerem, atualizam o que foi escrito. Por isso, não faz sentido o autor se esconder atrás do texto como se este não fosse seu, nem o leitor se esconder atrás do texto como se ele nada tivesse a ver consigo. É preciso, então, conceber o texto como uma materialidade acessível a todos, de modo que cada leitor introduz no texto o seu próprio ritmo, suas reflexões, seus devaneios.

O encontro com a escrita, assim, amplia o horizonte cultural, permitindo a produção de sentidos variados e nunca acabados. Desta forma, tanto mais inaugural é o escrever quanto mais ele se encontra inscrito na história viva das formas e funções que assumiu, dos sonhos nele depositados, das resistências, das leituras em sua recepção. Importa escrever para buscar o que ler, e ler para reescrever o que se escreve, ato este em que o autor se recria continuamente sem se repetir. A isso se chama pesquisa.

ESCREVER, O PRINCÍPIO DA PESQUISA

Escrever é um ato aventureiro na medida em que não se sabe por onde ele vai conduzir o autor. Essa característica da introdução à pesquisa não deve imobilizá-lo a iniciar. Daí a importância do tema de pesquisa, uma vez que é a partir dele que a escrita vai tomando forma e consistência teórica. Na medida em que o tema de pesquisa está suficientemente claro para o pesquisador, a própria disciplina de trabalho se impõe e, com ela, abre-se a possibilidade da experiência do escrever e pesquisar.

Como não se faz ciência sem escrever, porque esta é a forma de comunicação entre pesquisador e comunidade científica, a escrita demarca o princípio da pesquisa enquanto materialização do estudo e do pensamento do pesquisador, apresentando ca-

racterísticas próprias, seguindo regras, sendo conduzida por intencionalidades. Alguns aspectos são fundamentais para a elaboração da pesquisa: a) a tematização, ou constituição do tema a ser abordado sob a forma de hipótese; b) a convocação de uma comunidade argumentativa; c) o desenvolvimento da interlocução de saberes no trabalho da citação, sob a ótica da hipótese e na forma de argumentação discursiva; d) a afirmação de um estilo; e) um processo permanente de sistematização, validação discursiva e certificação social; e, f) a apresentação clara e objetiva da pesquisa, com vistas a se entender o pesquisador com seus possíveis leitores.

Convém considerar que a escrita científica toma como referência as normas acadêmicas, uma vez que, por meio delas, o texto ganha objetividade e poderá ser legitimado no meio acadêmico. A escrita científica, assim, é uma escrita específica, diferenciada de outros estilos.

A constituição do tema/hipótese

Será a partir de uma suspeita inicial que o pesquisador terá a oportunidade de ampliar um tema, acrescentando-lhe um olhar pessoal. Por isso, a hipótese do estudo é tão relevante à pesquisa a ser desenvolvida, pois ela implica o desejo de saber e de conhecer mais. Uma pesquisa parte do que já se sabe e se deseja compreender melhor, razão pela qual considera o percurso já trilhado por aqueles que o antecederam. Neste sentido, pesquisar um tema sobre o qual se está situado e por ele nutrido é uma dimensão crucial. Aqui, dois aspectos merecem destaque: a) ter uma pergunta bem determinada, que centraliza o tema; e, b) estar afinado ao tema que se deseja estudar.

Estabelecer um tema de pesquisa é, pois, demarcar um campo específico de desejo e de esforços, não devendo ser uma imposição alheia, senão algo que tenha ligação com a própria vida do pesquisador e por ele próprio construído. O tema da pesquisa é a ideia geral, a partir da qual se desdobram os títulos e subtítulos do trabalho como um todo. Significa que se começa a pesquisar quando se começa a escrever a partir de um tema, assunto, hipótese, título. Ele poderá sofrer alterações ao longo do desenvolvimento do trabalho, contudo, não é recomendável que se altere radicalmente. A forma do tema na pesquisa não é a forma da proposição acabada, de juízo definitivo, mas é a forma da hipótese, da nova pergunta feita à experiência antecedente do conhecimento, que se tem a partir de práticas desenvolvidas ou de leituras feitas.

O tema/hipótese é transformado num título-síntese que nada mais é do que uma proposta geral daquilo que será desenvolvido em forma de capítulos e subtítulos. Estes devem manter a integridade temática da pesquisa ao distribuí-las em alguns campos nucleares que, em geral, são estabelecidos entre três e cinco capítulos. É preciso haver uma costura entre um capítulo e outro, bem como, uma articulação geral com a temática da pesquisa. Na versão final do trabalho, a forma e o conteúdo necessitam evidenciar a unidade entre o título/tema, a hipótese verificada e os argumentos apresentados no desdobramento de cada capítulo. O sumário da pesquisa precisa ser delineado, com vistas a dar mais clareza acerca dos autores aos quais se recorre como interlocutores da escrita.

A convocação de uma comunidade argumentativa

Diz respeito ao coletivo de obras e sujeitos que o pesquisador irá convocar durante a pesquisa. Cumprida a primeira tarefa de desenhar o tema ou a espinha dorsal da pesquisa, cabe convocar uma específica comunidade de argumentação, para que haja uma unidade no processo de interlocução. O responsável por isso é o próprio pesquisador, porém, sob o olhar atento do orientador.

Três são os interlocutores convocados para compor uma *Comunidade Argumentativa*: a) *os do campo empírico*, sejam eles de uma dada experiência de vida ou de trabalho, sejam de uma dada instituição ou organização, como alunos, professores e direção (no caso de uma escola), operários, engenheiros, administradores (no caso de uma fábrica); b) *os do campo teórico*, que interrogam e refletem sobre a prática, de modo que a teoria resulta da pesquisa e surge como explicação provisória acerca de determinado sistema de relações, indicando que as práticas não existem soltas e desgarradas, mas situadas entre sujeitos e contextos; e, c) *os interessados na escuta*, que são aqueles convidados a se envolverem na pesquisa como leitores críticos.

Andamento da pesquisa: o trabalho da citação

O conhecimento não vem do nada, senão do trabalho de uma comunidade convocada como testemunho sobre o tema proposto a partir da combinação de citações ou reescritas sob o ponto de vista de outro autor, outro responsável jurídico, institucional ou obra. Os enunciados se transferem a outro campo de discurso, onde assumem significados distintos. Ocorre, em geral, pelo destaque a um fragmento ou à sua transcrição. É o que caracteriza um autêntico trabalho de pesquisa, e se apresenta na forma de citação direta e indireta.

Importa ressaltar que o valor de uma pesquisa depende do valor das leituras: dos livros, do mundo, da vida, das conversas de uns com os outros, das prévias experiências. Na citação, conjugam-se os atos de ler e de escrever no ato de reescrever.

Os passos andados, o estilo e a versatilidade do método

É no andar da pesquisa que ela se reorganiza e se reconstrói. Na pesquisa, como em toda obra de arte, a segurança se produz na incerteza dos caminhos. O pesquisador precisa de sua própria bússola e de saber o que procura. Não precisa saber as respostas, mas perguntar ao que lhe vier pela frente, a partir do seu desejo de saber mais e melhor, inspirado em suas hipóteses-guia. A metodologia adquire sentido na medida em que se justifica no contexto da pesquisa; diante disso, de pouco vale ocupar-se de seus estudos sem antes saber a especificidade da empreitada à qual se pretende lançar.

A sistematização e validação dos saberes e arrumação final da Pesquisa

O pesquisador é como o arquiteto que pensa a casa a partir do estilo de seus futuros moradores, na correlação entre os aposentos e, neles, os móveis, ao mesmo

passo que a vê cercada de jardins e ruas enquadradas no plano da cidade. Dentro deste horizonte, é também preciso trabalhar cada tópico da pesquisa até uma densidade desejável e retrabalhá-los no interior de cada capítulo, para depois se harmonizarem entre si e na composição do todo.

A apresentação do texto na perigrafia dele

A lógica do texto, em sua totalidade, não é acessível direta e imediatamente ao leitor, visto que as partes não são percebidas sem que seja entendido o lugar de cada uma delas na composição do todo. O próprio autor, para que sua obra tenha unidade e coerência, deve reequilibrar as partes que a compõem. Daí a importância de uma primeira leitura do todo, permitindo o destaque da significância de cada elemento.

Assim, o corpo do texto deve ser preanunciado por informações que antecipem seu conteúdo. Nisso, a capa não ocupa apenas a função de invólucro, mas, também, de indicativo de suas vias de acesso e de ligações com suas referências externas. Como salvaguarda dos direitos autorais, a página de rosto é o referente legal e institucional do lugar social e das citações. Ao final do texto, ficam as suas fontes de origem bibliográfica ou referências bibliográficas. Já as notas são uma maneira de se ampliar a citação e a bibliografia, indicadas ao pé das páginas, no final do capítulo ou antes das referências bibliográficas.

O Sumário, ou Índice, indica os momentos da leitura, oferecendo a visão de um conjunto organizado em partes ou subpartes, capítulos e tópicos. A Introdução nada mais é do que a indicação dos caminhos percorridos, e a Conclusão, sua retomada. No caso de um livro, o Prefácio é o último a ser escrito e o primeiro a ser lido, uma vez que finaliza a leitura ao mesmo passo que marca a sua entrada no universo da publicização.

ESCRITA E PESQUISA NA UNIVERSIDADE

Universidade: Biblioteca e *Scriptorium*

Diferentemente do que acontece com a oralidade, cujo domínio adquirimos a partir das relações intersubjetivas do mundo da vida, a escrita requer processos “artificiais” de aprendizagens—intencionados, regrados e sistemáticos—, portanto, escolarizados. A escrita permitiu que a palavra e o pensamento se tornassem objeto de conhecimento explícito, e que os mitos, uma vez postos no papel, pudessem ser discutidos.

Foi em Atenas que, pela primeira vez, a combinação da Academia, do Liceu e da Escola Estoica passou a receber o título de universidade. Ao mesmo tempo, era fundada a Universidade de Roma e se expandia o Ensino Superior, dando-se mais atenção ao direito, à medicina e às artes da gramática e da retórica. Mais tarde, a recuperação da literatura da antiguidade e sua integração à tradição cristã passou a ficar sob a responsabilidade dos conventos e mosteiros. Graças ao impulso das universidades, os livros se multiplicaram no Ocidente, e um sistema estabelecido ao redor das universidades e controlado por elas permitia a difusão rápida dos livros, sem perda de qualidade. O livro

impresso trazia um encurtamento dos cursos universitários, multiplicava e disseminava na sociedade os lugares da sociabilidade erudita, da pesquisa e da inovação.

No século 20 surgem modelos divergentes de organização: um, no qual predominava a pesquisa e, noutro, o desenvolvimento das profissões. Na Alemanha, as aspirações à unidade nacional e ao desenvolvimento de novos sistemas filosóficos elevavam, com Humboldt, a um modelo de universidade voltada à pesquisa. Na França e na Inglaterra, se colocavam outros objetivos e, no Brasil, Anísio Teixeira considerava o trabalho de Humboldt fundamental para estabelecer um novo paradigma de produção e transmissão de conhecimentos.

Universidade, Instituição de Pesquisa

A universidade contemporânea brasileira defronta-se com imensas responsabilidades sociais, que não podem ser atendidas senão na unidade entre pesquisa, extensão e ensino.

A pesquisa, a alma da universidade, caracteriza-se pelo multidimensionamento das abordagens intercomplementares, de modo que os resultados sejam potencializados e articulados de um modo sempre diverso. A universidade passa a ser a comunidade da argumentação das ciências e aquela que abriga as diferentes comunidades de especialistas, dedicadas ao desenvolvimento de seus saberes e à crescente complementaridade das ciências, bem como, da interlocução e certificação social de seus saberes sempre reconstruídos.

Os níveis da pesquisa na Universidade

A pesquisa na universidade não se restringe à Pós-Graduação, muito menos ao processo de galgar posições na carreira universitária. Nessa direção, é fundamental que se estabeleça na universidade, tanto para professores como para alunos e corpo funcional, uma clara e abrangente política de pesquisa, acompanhada continuamente das práticas do escrever.

O desafio é repensá-la e reconstruí-la em si mesma e no interior dos processos da aprendizagem, de modo que a pesquisa não vise o desenvolvimento das ciências e das tecnologias à parte dos interesses humanos e da formação dos novos sujeitos no mundo. O importante é que, pela pesquisa, a universidade busque educar o cidadão para o enfrentamento das situações inéditas. Desse modo, a ciência deixa de ser um acúmulo de conhecimentos para ser algo que se reconstrói continuamente numa comunidade viva de pesquisadores, dedicados ao debate sobre os processos criativos de seus campos de saberes. Ademais, o processo formativo da pesquisa precisa ser o fio condutor do sistema educacional – da Educação Infantil à universidade.

A pesquisa, assim, deve se fazer presente em toda a universidade, em níveis diferenciados, cada qual com suas próprias exigências de articulação e de especialização. Os diferentes programas e linhas de pesquisa estão sob a responsabilidade de pesquisadores doutores a mestres, agrupados em distintas linhas de pesquisas, responsabilizando-

-se pela formação de jovens pesquisadores, seja nos cursos de Pós-Graduação *Stricto e Lato Sensu*, seja nos cursos de Graduação nos quais atuam os professores como orientadores.

PARA CONCLUIR NUNCA

A substância da pesquisa está em ter-se um tema, colocar-se uma questão, centralizando as buscas por esclarecê-lo e entendê-lo em suas novas dimensões e desdobramentos. A pesquisa, assim, não se esgota nunca.

Os desafios à educação, nesse sentido, se alteram conforme as sociedades se modificam, razão pela qual é necessário formar para a autonomia de pensamento e para a capacidade de saber escolher diante de tantas possibilidades que se apresentam. Neste horizonte, a pesquisa se mostra como uma dimensão potencialmente válida na medida em que inter-relaciona teoria e mundo da vida.

REFERÊNCIA

MARQUES, M. O. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. 2 ed. Ijuí: Editora Unijuí, 1998.

Autor correspondente:

Vania Lisa Cossetin

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ

Rua do Comércio, nº 3000 – Bairro Universitário – Ijuí/RS, Brasil. CEP 98700-00

vania.cossetin@unijui.edu.br

Este é um artigo de acesso aberto distribuído
sob os termos da licença Creative Commons.

